

A *Officina Craesbeeckiana* de Lisboa

Nuno Daupíás d'Alcochete*

I – As origens

1. No século xvii, a par de outras de menor relevo, existiram em Portugal duas grandes linhagens de impressores, a dos Craesbeeck e a dos Costa-Deslandes, aqueles flamengos (*van Craesbeeck*), estes oriundos de França (*de la Coste e des Landes*). Os Costa-Deslandes mereceram a atenção de Xavier da Cunha, que lhes dedicou as suas *Impressões Deslandesianas*. Os Craesbeeck, porém, não tiveram ainda o seu historiador, apesar de alguns autores se terem debruçado já sobre aspectos da actividade desta notável progénie de «imprimissores». Ao Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck devemos um estudo genealógico acerca dos seus maiores. No entanto, as informações prestadas por este magistrado da primeira metade do século xviii devem ser tomadas com cautela, por confusas umas, fantasiosas outras. Na realidade, ele chegou a ponto de, muito ao gosto da época, ter torcido a verdade a respeito de algumas linhas da sua ascendência, a fim de, mais facilmente, obter a almejada carta de armas que veio confirmar o seu estatuto social. Não obstante estes aspectos negativos, de que em tempos já tratámos e de que esperamos voltar a nos ocupar em obra de maior envergadura, o trabalho de Serra Craesbeeck tem o mérito de reunir um número vultoso de dados por ele colhidos na tradição familiar ou extraídos de livros paroquiais, que se perderam durante o cataclismo de 1755, e ainda em documentos hoje dispersos, senão mesmo desaparecidos.

2. No dizer deste genealogista, Pedro Craesbeeck «nascera» na Universidade de Lovaina, em 1552, filho de outro Pedro e neto de um Guilherme, soldado que se distinguira em Pavia e que, pelos seus méritos, Carlos V elevara à nobreza, concedendo-lhe armas. Ainda segundo Serra Craesbeeck, aquele seu antepassado fora muito novo para Antuérpia e, na oficina de Christophe Plantin, aprendera a arte de imprimir. Em 1580, fugindo às perseguições dos «heresiarcas», ele viera refugiar-se em Lisboa e aqui comprara a tipografia fundada por Jacob Cromberger, o impressor da primeira parte das *Orde-*

* Professor Catedrático convidado da Universidade Autónoma de Lisboa.

naçoens de D. Manuel (1521), que empregados seus e respectivos sucessores mantiveram, embora com fraco rendimento. Acrescenta que seu trisavô casara aos quarenta anos (em 1592, por conseguinte) com Susana Domingues d'Anvers.

3. A realidade, porém, é um tanto diferente. A família Craesbeeck, oriunda de uma localidade das imediações de Lovaina, de onde tirara o seu apelido, instalou-se em Antuérpia na primeira metade do século xvi, na pessoa de Wilhem (Guilherme) van Craesbeeck, filho de Ian, como referem os genealogistas flamengos. Do casamento de Wilhem com Heylken de Voos, cuja família possuía o antigo morgado deste nome, nasceram vários filhos, o mais velho dos quais, Ian como seu avô, teve as funções de moedeiro da cidade; um segundo, Marcellis, foi talvez notário ou advogado, se atendermos à designação de «maître» que antecede sempre o seu nome; um terceiro, Peeter (I), marido de Beatrix van Doormale, foi pai, entre outros, de Wonter, também moedeiro, e de Peeter (II), que morreu em Portugal, conforme assevera a documentação flamenga. Outras fontes revelam que Peeter (II) van Craesbeeck entrou como aprendiz, em 1583, na oficina de Plantino e que ascendeu a compositor em 1589, no ano da morte do célebre impressor. Em seguida, e durante três anos, trabalhou com Johanes Moretus, genro e sucessor de Plantino, até que, em 5 de Maio de 1592, foi para Espanha – quer dizer, Portugal, então sob a dominação espanhola, como é por demais sabido.

4. Em 1609, num inquérito realizado em Coimbra e em que interveio como testemunha, Pedro Craesbeeck declarou ser nativo de Antuérpia e ter então trinta e sete anos, o que o faz nascido em 1571 ou 1572. Ele teria, por conseguinte, quando entrou para a *Officina Plantiniana*, onze ou doze anos, a idade própria de iniciar qualquer aprendizagem. Por esta razão e visto os seus poucos anos, é duvidoso que Pedro Craesbeeck chegasse a Portugal em 1580. Serra Craesbeeck confundiu provavelmente duas gerações, devido à similitude dos nomes próprios. Peeter (I), apesar de provir de uma família de moedeiros (profissão que ainda exercia no início do século xviii), nada impede, por ser filho benjamim, de ter enveredado pelos caminhos da arte tipográfica, na época um ofício muito honroso.

Por outro lado, não é de excluir que ele tenha combatido os calvinistas, que ocupavam ainda a cidade, e daí vir a procurar refúgio em Lisboa, onde poderia ter adquirido a oficina de Cromberger, o que explicaria a iniciação de Peeter (II) na *Officina Plantiniana*, a fim de, mais tarde, substituir o pai à frente da tipografia. Hipóteses a considerar, que tencionamos investigar e aprofundar numa obra em preparação. No entanto, podemos desde já sugerir que a emigração de Craesbeeck teve unicamente razões de ordem comercial. Conforme a lição de Venâncio Deslandes e de Jorge Peixoto, Plantino manteve relações com livreiros e impressores portugueses, principalmente com António de Mariz, e seu genro Moretus teve parentes seus estabelecidos em Lisboa, tanto no último quartel do século xvi, como no primeiro do seguinte.

II – Instalação em Lisboa. Casamento de Pedro Craesbeeck. Seus filhos e netos.

1. Quando Peeter van Craesbeeck veio para Portugal, passou logo a assinar Pedro Craesbeeck, indo assim ao encontro do costume do tempo. A ortografia do seu nome de família sofreu de instabilidade permanente, conhecendo-se-lhe, pelo menos, onze variantes. O magistrado Serra Craesbeeck assevera que seu trisavô morou, primeiramente, atrás da capela-mor da igreja do Convento do Espírito Santo, numa rua estreita e escura, que passou a chamar-se do Crucifixo, por Pedro Craesbeeck ter aberto um nicho na fachada de sua casa e nele ter colocado um cristo crucificado, que uma lanterna alumia de noite. A rua ainda hoje existe e com o mesmo nome, reconstruída após o terramoto de 1755. Pelas freguesias em que foram baptizados seus filhos, verifica-se que foram vários os locais em que residiu. Bom católico, não fosse ele flamengo, tomou parte activa na vida da Confraria de Santo André dos Flamengos, com assento no Convento de S. Domingos, da qual foi irmão perpétuo. O seu panegirista e descendente retrata-o como um homem bom e íntegro, isento de malícia no trato com os outros e gerindo a sua oficina com eficiência. Foi impressor régio em 1602 e teve privilégios de cavaleiro. Casou no final do século, provavelmente em 1597 ou 1598, com Susana Domingues d'Anvers, de origem flamenga, filha de João Domingues d'Anvers e de Catarina Gomes Pacheca. Da sua cidade natal, Pedro trouxera um retrato seu que, no século XVIII, pertencia a seu trineto, o Dr. Francisco Xavier. Ele morreu em Lisboa, a 14.7.1632, indo a enterrar na Capela de Santo André, e Susana, sua mulher, em Coimbra, a 6.5.1644, sendo sepultada na Igreja do Carmo da cidade. Que chegassem à idade adulta, conhecemos-lhes quatro filhas e dois filhos.

2. Das filhas, pouco há a dizer. Maria, talvez a mais velha, casou com Manuel de Azevedo e não teve descendentes. Brites, nascida cerca de 1610, morreu solteira, em Coimbra, a 11.10.1639, com 29 anos, sendo enterrada na Igreja de S. Tiago da cidade. Catarina nasceu na freguesia de S. Julião de Lisboa, também por volta de 1610. Casou por amores com Manuel da Silva, oficial da casa de seu pai, que depois teve uma oficina tipográfica. Por crime de feitiçaria, foi presa pela Inquisição em Janeiro de 1670 e, em 1671, num auto-da-fé, abjurou dos seus erros. Restituída à liberdade no ano seguinte e condenada a três anos de degredo em Castro Marim, doente e meio cega, pouco tempo certamente sobreviveu. Teve duas filhas: a mais velha, casada com um escrivão da Nunciatura, não deixou descendentes, enquanto a mais nova, solteira, de um padre houve um filho, Henrique da Costa Oliveira, médico que exercia em Lisboa no final do século XVII. Susana casou cerca de 1650, em Montemor-o-Velho, com João Rebelo de Moura, cristão-novo muito rico, de quem teve dois filhos, um que morreu novo, o outro, Pedro, que fugiu para Espanha, sem deixar rasto, na altura em que seus pais foram presos pelo Santo Ofício, talvez por denúncia de judaísmo.

3. Os filhos, Lourenço e Paulo, foram os segundo e terceiro impressores da dinastia. Lourenço, nascido em 1599, na freguesia de N. S. da Conceição, morreu em 1678, na Quinta dos Passos, em Chão de Couce, propriedade de Francisco de Carvalho, seu genro. Paulo nasceu igualmente em Lisboa, mas

na freguesia de S. Julião, em 5.04.1605, e veio a morrer na mesma cidade, em 16.08.1664, sendo sepultado na Capela de Santo André dos Flamengos, de cuja confraria foi irmão, tal como o pai. Um e outro foram educados em Antuérpia, junto de seus parentes. Lourenço aprendeu sobretudo línguas e foi exímio em algumas delas. Viajou muito e, no decurso das suas deslocações, contraiu moléstias que tiveram consequências futuras. Antes de regressar a Portugal, ele mandou pintar a árvore genealógica da família e obteve um certificado das armas concedidas a seu bisavô, documentos que, mais tarde, vieram a extraviar-se. No que se refere a Paulo, os estudos que fez foram brilhantes. Quando regressou a Lisboa, trouxe, na bagagem, um retrato seu mandado fazer pelos seus parentes flamengos, retrato que, no início do século XVIII, pertencia a seu neto Manuel de Sousa Soares, conforme relata o Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, o panegirista dos fastos familiares.

4. Lourenço esteve uns tempos associado aos negócios paternos. Talvez por razões de saúde, em 1620 foi estabelecer-se em Évora, onde exerceu a tipografia até 1625. No ano seguinte, vamos encontrá-lo de novo em Lisboa e, em 1632, por morte de seu pai, sucedeu no cargo de impressor régio e, do mesmo modo, teve privilégios de cavaleiro. Foi igualmente impressor do Santo Ofício. A sua saúde continuando precária, os médicos aconselharam-lhe então os ares de Coimbra, cidade em que se foi instalar em 1638, levando com ele a mãe e as irmãs Brites e Susana. Na cidade do Mondego ainda teve umas prensas, que laboraram, pelo menos, até 1647. Em 1640, ele aparece já como administrador do Contrato de Tabaco de Coimbra e, durante todo o período da Restauração, foi também provedor das terças do reino. Lourenço é muitas vezes confundido com seu primo Lourenço d'Anvers. Na verdade, este último, o editor da *Gazeta da Restauração*, era neto, por sua mãe, de uma irmã do sogro de Pedro Craesbeeck.

Do seu casamento, em 1645, com D. Maria de Seíça Creada, filha de António de Seíça, corregedor de Torres Vedras, e de D. Maria de Araújo Creada, proprietária da Quinta da Boa Vista, em Verride, nasceram vários filhos. Porém, somente sua filha D. Maria d'Anvers Craesbeeck (1653/1679), casada em 1674 com Francisco de Carvalho, Cavaleiro-Fidalgo e Capitão-Mor das Cinco Vilas de Chão de Couce, deixou filhos, entre os quais só uma, D. Teresa Maria Craesbeeck, mulher de seu primo, o já nosso conhecido Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, teve descendência.

5. Paulo Craesbeeck, depois do seu regresso a Portugal, provavelmente por Lourenço ter ido para Évora, passou a ser o braço direito do pai. Um pouco mais tarde, abriu uma livraria na Rua da Madalena, mas anos depois vamos encontrá-lo na Rua Nova, para onde transferiu a livraria. Em 1628, a título interino, e em 1647, a título definitivo, foi nomeado livreiro das três ordens militares. Após a morte de Pedro, em 1632, ele e seu irmão Lourenço tomaram conta da tipografia, mas, com a ida de Lourenço para Coimbra, Paulo veio a ficar sozinho à frente da casa. Herdou os privilégios e graças de seu pai, embora não ficasse com o cargo de impressor régio, de que Lourenço havia desistido.

6. Casou, em primeiras núpcias, com D. Maria de Torres Velosa, de quem teve um único filho, Pedro como o avô, que fez uma brilhante carreira militar, tanto em terra como no mar. Já capitão-de-

-mar-e-guerra e no comando da nau *N.^a S.^a da Penha de França*, ele esteve com o capitão-general Francisco de Brito Freire na restauração de Pernambuco, em 1654. Morreu na Baía em 1665, «mais rico de gloria que de bens», conforme comentário sarcástico de seu neto, o Dr. Francisco Xavier. Ele havia casado no Porto, em 1646, com D. Mariana Garcez. Sua filha, D. Mariana Garcez Craesbeeck (1649-1684), casou, em 1670, com Manuel da Serra (1643-1697) e foi mãe do Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck (1673-1736). Como acima foi dito, este magistrado consorciou-se, em 1698, com sua prima D. Teresa Maria Craesbeeck, de cujo casamento nasceram dois filhos, Francisco José da Serra Craesbeeck de Carvalho e D. Maria Teresa d'Anvers Craesbeeck, ele em 1698, ela em 1701. Francisco José, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, como seu pai, foi cavaleiro da Ordem de Cristo, magistrado e escritor. A sua carreira foi muito honrosa, pois chegou a chanceler da Relação do Porto e a desembargador do Paço e foi ainda do Conselho de Sua Majestade. Francisco José casou, mas não teve filhos, e a irmã parece ter-se mantido solteira. Com eles, extinguiram-se duas das linhas da descendência do impressor Pedro Craesbeeck: a de Lourenço e a de Pedro, o filho único do primeiro casamento de Paulo Craesbeeck. O Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck tinha reunido muitos documentos e alguns retratos, pelo menos o de seu trisavô, Pedro Craesbeeck; o de seu avô, o capitão-de-mar-e-guerra do mesmo nome; o de seu pai, Manuel da Serra, pintado por Bezerra, e, provavelmente, uns outros mais, que foram todos parar aos Craesbeeck do Porto, pelo menos os documentos.

7. Paulo Craesbeeck casou, em segundas núpcias, com D. Cecília Soares (1614-1699), irmã de seu cunhado Pedro de Azevedo. Estes dois irmãos eram filhos de Pedro Ferreira de Melo e de D. Catarina Soares, sendo esta irmã de Fr. António da Ressurreição, 13.^o bispo de Angra. Foi, aliás, por esta via que o apelido Melo entrou nos Craesbeeck. Paulo e Cecília moraram em várias ruas da Baixa lisboeta, em particular no Beco dos Seguros, junto da Conceição Nova, na Rua dos Douradores e no Pocinho Seco. Do seu casamento, além de António Craesbeeck de Melo, tiveram: Maria, mulher de Miguel de Sousa Ferreira, foi mãe, entre outros, de D. António Caetano de Sousa, o autor de *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*; João foi monge beneditino e prior do convento da sua ordem em Santarém; Diogo, o mais novo, na sua juventude esteve no Brasil e, em seguida, fixou-se no Porto, onde foi escrivão da Provedoria. Na mesma cidade, casou com uma sobrinha de Miguel de Sousa Soares, seu cunhado, sendo o autor do ramo dos Craesbeeck do Porto.

8. António Craesbeeck de Melo nasceu na freguesia de N.^a S.^a da Conceição a 4.01.1640 e morreu na sua casa da Rua dos Espingardeiros, freguesia de S. Nicolau, a 21.09.1684, sendo enterrado na Capela de Santo André dos Flamengos, assim como o tinham sido seu pai e seu avô. Casara, em 1662, com D. Inácia Maria de Carvalho, irmã de Fr. José de Carvalho, frade carmelita calçado, professor de Teologia da Universidade de Coimbra e muito tempo seu vice-reitor. Depois de viúva, D. Inácia voltou a casar, com Cristóvão de Brito Lobo.

Ainda em vida do pai, António Craesbeeck de Melo assumira a direcção da imprensa e da livraria. Em 1664, ano da morte de Paulo, já ele se intitulava impressor de Sua Alteza e, passados dois anos,

veio a ser impressor régio. Também foi impressor do arcebispado de Lisboa e do Senado da Câmara. O rei D. Pedro II recompensou-lhe os serviços com várias mercês, entre outras um hábito de S. Tiago para seu filho mais velho. Do seu casamento teve dois filhos, de que falaremos adiante, e uma filha, que morreu nova.

O Dr. Francisco Xavier, que ainda conheceu este seu tio, escreve que António Craesbeeck de Melo era um homem generoso, de grande crédito e muito erudito, como demonstram os prefácios de diversas obras saídas das suas prensas e, bem assim, a actualização que empreendeu dos *Diálogos de Vária História*, de Pedro de Mariz.

9. Sucedeu a António Craesbeeck seu filho primogénito, Teotónio Dâmaso de Melo, que assinou depois Teotónio Craesbeeck de Melo. Nasceu na freguesia de S. Nicolau, a 11.12.1665, e morreu, em Lisboa, a 21.09.1687, assassinado no Rossio, durante a Feira de S. Mateus. Teotónio, que não conseguiu ser cavaleiro de S. Tiago, devido à sua pouca idade, foi agraciado com o cargo de impressor régio poucos meses após a morte de António. O Dr. Francisco Xavier afirma que, com o assassinio de Teotónio, acabou a oficina dos Craesbeeck, o que não é inteiramente verdade, pois a casa continuou mais uns anos sob a direcção de D. Inácia Maria de Carvalho, já então casada com Cristóvão de Brito Lobo. Na verdade, ela assina os prefácios de várias obras saídas das mesmas prensas, pelo menos até 1690. Segundo o Dr. Francisco Xavier, a casa veio a fechar por essa altura, devido ao pouco interesse na sua conservação manifestado pelo outro filho, Rosendo de Melo Craesbeeck ou Rosendo de Melo de Carvalho (1677-1746). Cristóvão de Brito Lobo, o segundo marido de D. Inácia Maria, para remir umas dívidas contraídas por um seu filho, Diogo de Brito Lobo, havido de um primeiro casamento, vira-se obrigado a recorrer aos bens do casal. No entanto, para não lesar os interesses do enteado, renunciara em Rosendo a propriedade de dois ofícios de que era proprietário, um de porteiro distribuidor do Desembargo do Paço e outro de tesoureiro do mesmo tribunal. Rosendo fez um longo estágio nos serviços do Desembargo do Paço, entre 1696 e 1699, a fim de adquirir a prática necessária ao exercício daqueles ofícios, devidamente autorizado pelo Conselho da Fazenda em 8.10.1695. De toda esta questão, que os documentos apresentam de modo um tanto confuso, sobressai a dúvida sobre se não foi naquele mesmo ano de 1695 que a oficina dos Craesbeeck foi vendida, de maneira a permitir a Cristóvão de Brito Lobo honrar as dívidas do filho. Embora menos ilustres, as funções adquiridas por Rosendo eram certamente mais lucrativas. Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1706, pelos serviços de Fr. José de Carvalho, seu tio materno, Rosendo morreu solteiro e sem descendentes, em 28.07.1746, na casa da Rua dos Espingardeiros que fora de seus pais, e com ele extinguiu-se a linha directa dos Craesbeeck. A representação desta notável linhagem de «imprimidores» mantém-se na descendência de Diogo Soares Craesbeeck (os Craesbeeck do Porto) e na de sua irmã D. Maria Craesbeeck, mulher de Miguel de Sousa Ferreira.

III – A *Officina Craesbeeckiana* ou *Craesbeeckiniana*

1. A velha oficina de Cromberger, adquirida antes de 1580 por Peeter (I) van Craesbeeck e, depois de 1592, por Peeter (II) van Craesbeeck, foi completamente reequipada, não sendo estranho a este investimento o dote que Susana Domingues d'Anvers trouxe a seu marido. Assim o diz o Dr. Francisco Xavier, que acrescenta ter Craesbeeck mandado vir da Flandres muito material com que apetrechou as suas oficinas. No início do século XVII, elas situavam-se no Bairro de Santa Maria Madalena, embora não possamos afirmar que tivessem estado sempre situadas nesse local.

Pedro Craesbeeck e seu filho Lourenço usaram o seu próprio nome para identificar as obras saídas das suas prensas. A designação de *Officina Craesbeeckiana* ou *Craesbeeckiniana* (existem as duas formas) só aparece após a morte de Pedro e mesmo depois de Lourenço ter largado esta actividade, o que contraria a opinião do Dr. Francisco Xavier de que esta denominação se devia ao primeiro dos Craesbeeck, influenciado pelo título da oficina de Plantin (*Officina Plantiniana*). Na verdade, foi Paulo quem a introduziu, cerca de 1644, usando tanto o seu próprio nome como aquela designação. Pedro usou indiferentemente «por Pedro Craesbeeck», «na Oficina de Pedro Craesbeeck» ou «por Pedro Craesbeeck, Impressor del Rey». Lourenço assinou ora o seu nome, ora «Impressor do santo Offício», «Impressor Real» ou, como seu pai, «Impressor del Rey». A última obra em que aparece com este qualificativo é, aparentemente, num sermão do padre António Bandeira, publicado em Coimbra, em 1643. É possível que nesse mesmo ano ele tenha renunciado ao cargo de impressor régio, cargo que veio a escapar a seu irmão Paulo. António Craesbeeck de Melo fez sobretudo uso do seu nome, seguido dos vários qualificativos que lhe conhecemos, mas seu filho, além das duas variantes do seu nome, também assinou «Impressor del Rey» ou «na Oficina Craesbeeckiana», designação que sua mãe manteve.

2. Os Craesbeeck utilizaram várias vezes prensas volantes, como sucedeu em 1602, quando Pedro imprimiu, no Colégio de Santo Agostinho, o 4.º tomo das *Decadas* de Couto; em 1603, no Mosteiro de S. Vicente, as *Ordenações do Reino*; em 1609, e depois em 1632, no Mosteiro de S. Bernardo, as segunda, terceira e quarta partes da *Monarchia Lusitana*; em 1643, Paulo imprimiu, em Bucelas, a *Arte de Reinar*, de António Carvalho de Parada, e, em 1653, no Convento dos Capuchos de Lisboa, o *Jardim da Sagrada Escritura*, de Fr. Cristóvão de Lisboa. Pedro Craesbeeck também teve prensas em Coimbra, onde o vamos encontrar em 1608 e 1609. É possível que sejam estas as prensas que Lourenço utilizou quando se mudou para esta cidade. Nelas terá trabalhado até 1647 e Paulo deve tê-las conservado até, pelo menos, o ano de 1651.

Por vezes, houve colaboração entre Pedro e seus filhos, como foi o caso da *Sylvia de Lisardo*, da autoria de Lourenço, impressa por seu pai e vendida à Rua Nova, na casa de Paulo. Este último aparece sobretudo como «capitalista», pois não são raras as menções de «à custa de Paulo Craesbeeck mercador de livros», mencionadas nos frontispícios das obras saídas da tipografia familiar. Eles também foram editores e, para tanto, requereram e obtiveram privilégios exclusivos. Assim, em 1617, Pedro conse-

guiu um privilégio de dez anos para um *Ritual Romano*. Em 1632, Paulo teve a exclusividade para, durante cinco anos, só ele poder publicar e vender os *Lusiadas* e as *Rimas* de Camões. Por último, António Craesbeeck de Melo teve igual concessão, em 1667, para a *Prosodia* de Bento Moreira e, em 1670, para as *Obras* de Virgílio.

3. Para a época, o número de obras saídas da imprensa dos Craesbeeck é avultado. Até ao presente, recenseámos umas largas centenas delas, a que é preciso acrescentar os documentos provenientes das chancelarias, tribunais e restantes serviços oficiais, cuja publicação incumbia, em princípio, ao impressor régio. Na sua maioria, estes documentos não têm indicação de proveniência, de modo que é impossível determinar se eles pertencem aos Craesbeeck, se, em parte, a outros tipógrafos.

Pedro Craesbeeck atraiu logo a atenção, pelo nível técnico das obras saídas das suas oficinas, a ponto de, em 28.05.1620, ter sido agraciado com o cargo de «Impressor del Rey». Na carta de nomeação, altamente elogiosa, lê-se que ele era o mais antigo impressor de Lisboa e a sua oficina a melhor do reino e a mais rica em estampas e em caracteres de imprensa. Os frontispícios ou as portadas das obras por ele publicadas eram muitas vezes desenhadas por artistas de renome. Os caracteres de imprensa e as capitulares que utilizava eram quase todos importados dos Países Baixos. Conhecem-se dele umas cinco marcas de impressor, também utilizadas por seu filho Lourenço.

Do século XVI, são conhecidas quinze obras editadas por Pedro Craesbeeck, entre elas a segunda edição das *Rimas* (1598), de Camões; os *Poemas Lusitanos* (1598), do Doutor António Ferreira; a *Castro* (1598), do mesmo autor; o *Cantici Canticorum* (1599), de Luís Soto Maior; a *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal* (1600), de Duarte Nunes do Lião; e a *História da Vida do Padre Francisco Xavier* (1600), de João de Lucena.

A actividade dos Craesbeeck estendeu-se a muitos domínios, tais como obras históricas, poéticas, literárias, teológicas, jurídicas, constituições sinodais, regimentos, dicionários, etc., tanto em português, espanhol e italiano, etc., como em latim. São muitos os sermões por eles publicados, bem como alguns livros de música, sendo de referir as *Flores de Musica* (1620), de Manuel Rodrigues Coelho; os *Missae Quaternis Quinis et Sex Vocibus* (1625), de Manuel Cardoso, e ainda a *Arte de Musica de Canto d'Organ e Canto Cham* (1626), de António Fernandes. O nome destes notáveis impressores ficou sobretudo vinculado a grandes autores portugueses, como é o caso de Camões, por quem a dinastia parece ter tido um verdadeiro culto. Entre 1598 e 1689, eles publicaram nove vezes os *Lusiadas* e doze vezes as *Rimas* do poeta, além de um apócrifo de Camões, em 1615, intitulado *Obra do Grande Luis de Camões, Príncipe da Poesia Heroica*. O nome de Pedro Craesbeeck e dos seus sucessores ficou associado, com as *Rimas* e os *Lusiadas*, às *Decadas* de Diogo do Couto e à *Monarchia Lusitana*. Pedro publicou a segunda parte da *Monarchia* (1609), de Fr. Bernardo de Brito, e, pouco antes da sua morte, em 1632, a terceira e quarta partes de Fr. António Brandão; António Craesbeeck de Melo, em 1683, a sétima parte, de Fr. Tomé de Jesus. A sua viúva, D. Inácia Maria de Carvalho, reeditou, em 1690, a primeira, segunda e terceira partes da *Monarchia*.

Das prensas de Pedro Craesbeeck saíram ainda inúmeras outras obras, de que se podem mencionar os *Trabalhos de Jesus* (1602), de Fr. Tomé de Jesus; a segunda parte da *Chronica de Cister*, de Fr. Bernardo de Brito; as *Ordenações do Reino* (1603); as *Eclogas* (1605), de Francisco Rodrigues Lobo; o *Don Quixote* (1605), de Cervantes; *La Florida del Ynca* (1605), de Garcilaso de la Vega, o Inca; a *Origem da Lingoa Portuguesa* (1606), de Duarte Nunes do Lião; a *Peregrinação* (1614), de Fernão Mendes Pinto; a *Comedia Ulysipo* (1618), de Jorge Ferreira de Vasconcelos; a *Hespaña Libertada* (1618), de D. Bernarda Ferreira de Lacerda; a *Corte na Aldea* (1619 e 1630), de Francisco Rodrigues Lobo; o *Index Autorem* (1624); *La Diana* (1624), de Jorge de Montemor; as *Obras de Garci Lasso de la Vega, Principe de los Poetas Castelhanos* (1626) e, ainda, as *Obras do Doutor Francisco de Saa de Miranda* (1632). Em Coimbra, ele publicara a *Introductio in Graecum Linguam* (1608), de Clenardo, e, no mesmo ano, o *Opus Virtute et Statu Religionis*, de Francisco Soares de Granada. A actividade de Lourenço, comparada com a de seu pai, é reduzida: uma cinquentena de obras, entre as quais se distinguem, em nova edição, as *Obras de Graci Lasso de la Vega* (1632); *O Lima* (1632), de Diogo Bernardes, sem esquecer a compilação, de que é autor, chamada *Sylvia de Lisardo* (1632), muito tempo atribuída a Frei Bernardo de Brito. Quanto a Paulo, ele é o impressor de grande número de obras do período das Guerras da Independência. A literatura de combate, os panfletos anticastelhanos, sobretudo, foram a sua especialidade neste tempo conturbado, nomeadamente as obras de D. Francisco Manuel de Melo, João Pinto Ribeiro e António de Sousa de Macedo. Do mesmo modo, publicou a *Summa Universae Philosophiae* (1641-1642), de Baltazar Teles; a *Chronica da Companhia de Jesu nos Reinos de Portugal* (1645), do mesmo autor; os *Commentarios do Grande Capitão Ruy Freire de Andrade* (1647); a *Vida de D. João de Castro* (1651); a *Chronica del Rey Dom Afonso o Quarto* (1653), de Rui de Pina; e, ainda, as *Noticias de Portugal* (1655), de Manuel Severim de Faria. António Craesbeeck de Melo, para além dos *Dialogos de Varia Historia*, que actualizou, é sobretudo o impressor das obras de Manuel de Faria e Sousa. A vida de seu filho Teotónio, demasiado breve, não permitiu uma grande produção, ainda que dele se possam citar a *Geographia Antiga da Lusitana* (1686), de Frei Bernardo de Brito, e o *Itinerario Historial* (1687), de Alonso de Andrade. D. Inácia Maria de Carvalho, sua mãe, voltou a imprimir a *Geographia* de Brito, bem como as primeira, segunda e terceira partes da *Monarchia Lusitana* (1690).

IV – Os Craesbeeck e a Literatura Autonomista

1. A crise dinástica de 1580, a união dual de Portugal e de Espanha, a subalternidade política que se lhe seguiu, as saudades e os anseios que provocaram, reflectem-se numa literatura que então surgiu, de exaltação patriótica, em que, a par de um aparente conformismo, se afirma um verdadeiro sentimento de autonomia, se estimula a esperança da recuperação da independência e se sublimam as grandes figuras nacionais, bem como a epopeia ultramarina portuguesa. Isto escreve, por estas e muitas

outras palavras, o Professor Hernâni Cidade, em *A Literatura Autonomista sob os Filipes*. Da leitura desta obra verifica-se que bom número das que Cidade cita em abono da sua tese saíram das oficinas dos Craesbeeck, de Pedro, o primeiro da linhagem, a Teotónio, seu bisneto.

2. Como já tivemos ocasião de dizer, estes impressores publicaram variadas vezes *Os Lusíadas* e as *Rimas* de Camões, além das *Decadas* de Couto e da *Monarchia Lusitana*, a que podem acrescentar-se alguns outros nomes, atrás já citados, cujas obras contribuíram, de uma ou outra maneira, para enaltecer as virtudes dos Portugueses e, também, para justificar a Restauração da Independência, em 1640.

3. Porque teriam estes vultos da literatura portuguesa recorrido à oficina dos Craesbeeck? Somente por eles serem, então, os melhores tipógrafos do reino ou por uma outra qualquer razão? Não haveria um paralelismo entre o Portugal dominado pela Espanha, de 1580 a 1640, e a Flandres do Sul, que continuava sujeita aos Castelhanos, quando a independência já tinha sido conquistada pelas províncias do Norte? Não teria o caso português calado bem fundo, mesmo inconscientemente, no espírito destes flamengos ansiosos de liberdade que deviam ser os Craesbeeck, razão que os teria levado a alinhar no movimento autonomista português? Hipótese a considerar, que deixamos em suspenso por ser, como diriam os Franceses, «un sujet à creuser», a que tentaremos dar resposta em obra futura.

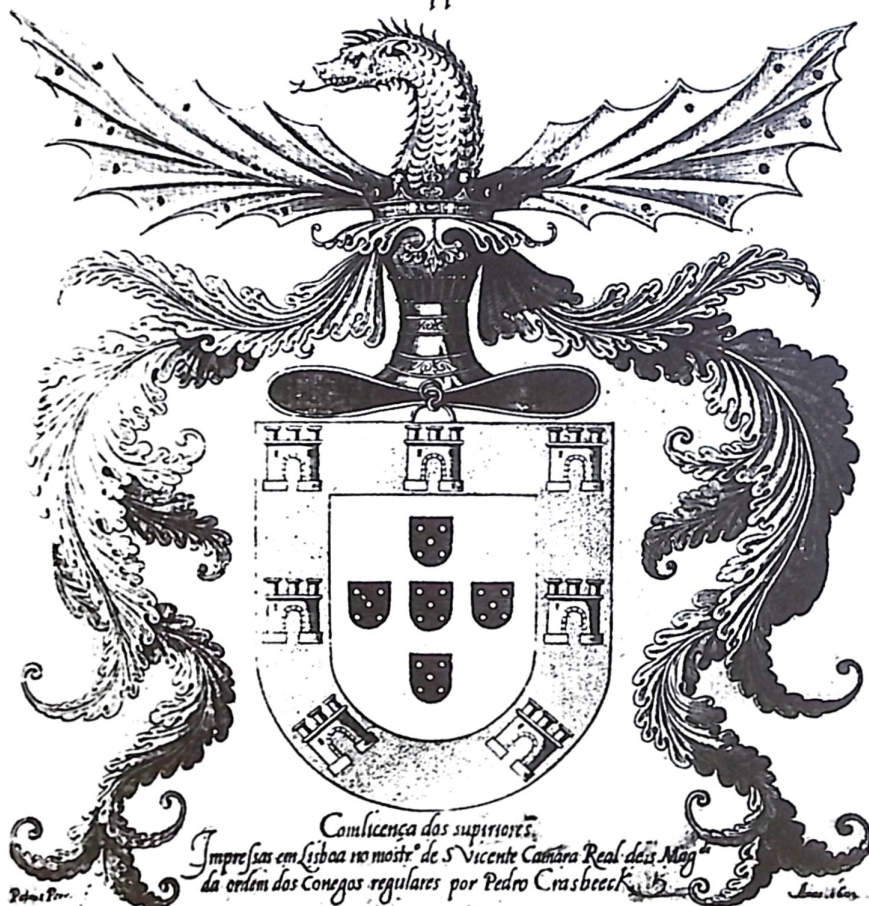
V – À guisa de conclusão

Ao longo destas páginas, debruçámo-nos sobre os Craesbeeck e a sua história, assim como sobre a sua acção empresarial, embora tivéssemos deixado alguns problemas em aberto. Outros aspectos houve que não foi possível tratar no âmbito do presente trabalho, que pediriam um estudo de maior fôlego. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, o panegirista dos fastos familiares, sentiu o problema e, no seu habitual tom laudatório, escreveu acerca de Paulo: «...foi muito conhecido o seu nome em todas as quatro partes do Mundo, pelos muitos livros que mandou imprimir nos quaes se vê gravado o seu nome, e por ella cauza será eterno.» O que diz a respeito do seu bisavô podê-lo-ia ter aplicado a todos os outros seus parentes impressores, pois é bem verdade que poucas são as bibliotecas eruditas que não possuam obras impressas pelos Craesbeeck.



ORDENACOES,
E LEIS DO REINO
de portugal:

RECOPILADAS PER MANDADO
DO MVITO ALTO CATHOLICO
& poderoso REI DOM
Philippe o P.

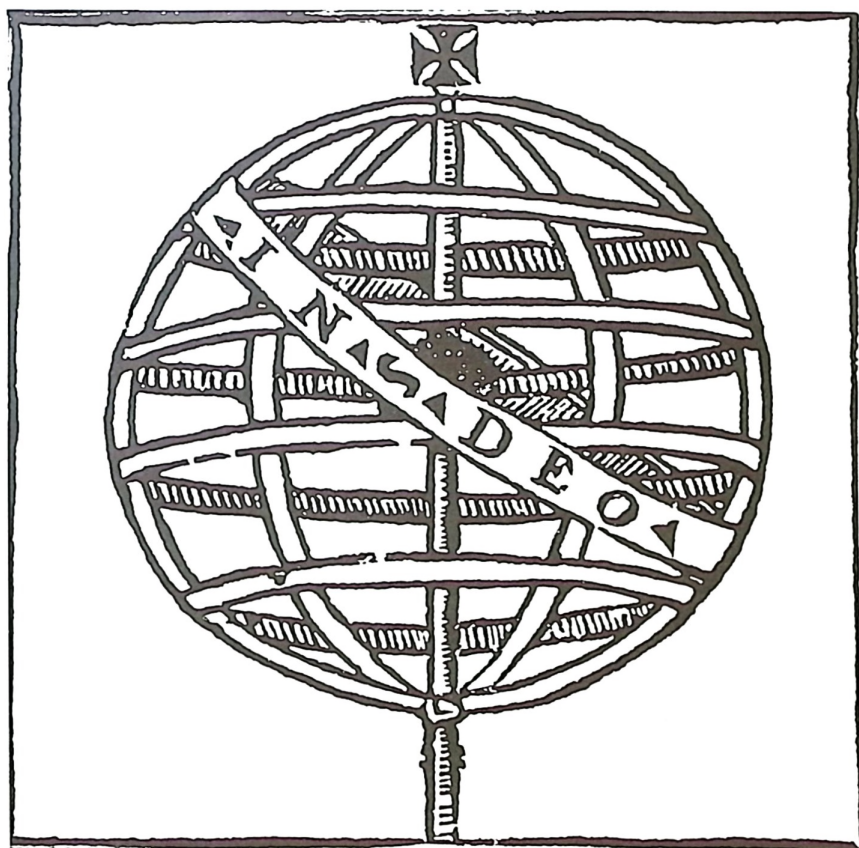
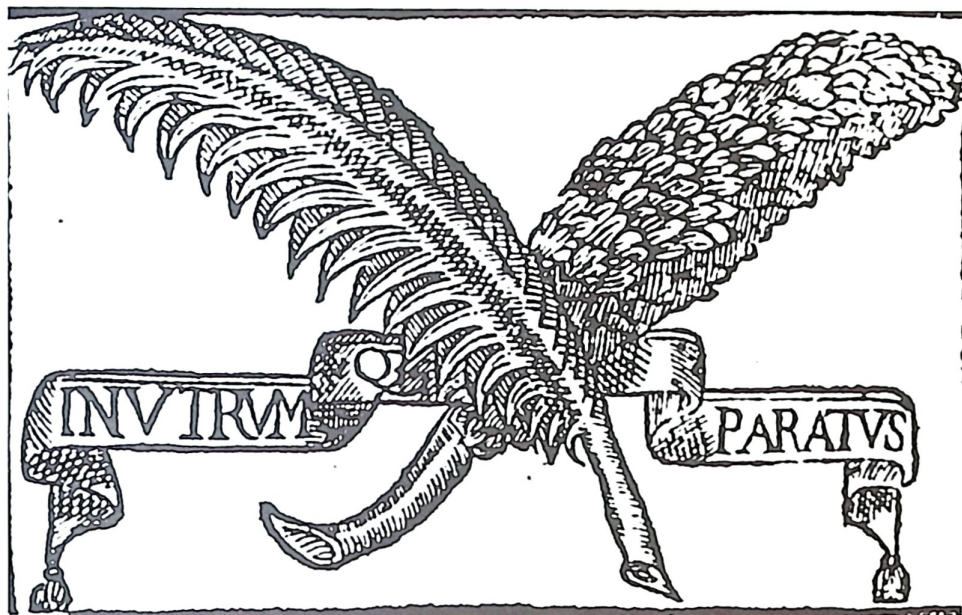


Handwritten signature and text.

Handwritten signature.

Handwritten signature.

Handwritten text: Custodio - 6000



ANTONIO FERREIRA.
DEDICADOS POR SEU FILHO
Miguel Leite Ferreira, ao Principe D.
PHILIPPE nosso senhor.



EM LISBOA:
Impresso com licença, Por Pedro Crasbeeck.
M. D. XCVIII.

P O E M A S
L V S I T A N O S
D O D O V T O R

ANTONIO FERREIRA.

DEDICADOS POR SEU FILHO

Miguel Leite Ferreira, ao Principe D.

PHILIPPE nosso senhor.



E M L I S B O A:

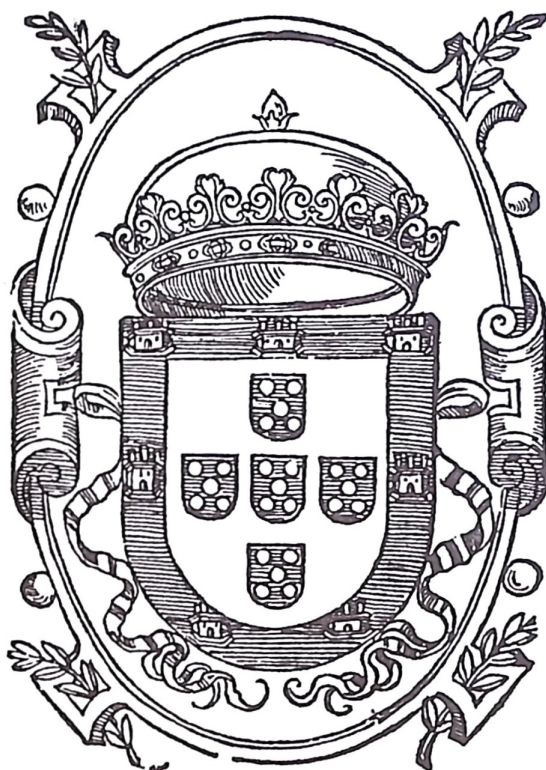
Impresso com licença, Por Pedro Crasbeeck.

M. D. XCVIII.

Com Privilegio. A custa de Estevão Lopez-Liureiro.

PRIMEIRA PARTE
DAS CHRONICAS DOS
REIS DE PORTVGAL, REFOR-
MADAS PELO LICENCIADO

DV ARTE NVNEZ DO LIÃO, DESEM-
bargador da casa da Supplicação, per
mandado del Rei Dom Philip-
pe o primeiro de Portu-
gal, da gloriosa
memoria.



Com licença da sancta Inquisição, & privilegio Real.

EM LISBOA.

Impresso por Pedro Crasbeeck.

Anno M. DC.

OS LUSIADAS
DE LUIS DE CAMOËS
PRINCIPE DA POESIA
HEROICA.

Dedicados ao D. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do S. Officio.



Impressos com licença da Sancta Inquisição, & Ordinário.
EM LISBOA, Por Pedro Crasbeeck: Anno 1609.
Com privilegio, à custa de Domingos Fernandez liureyro.

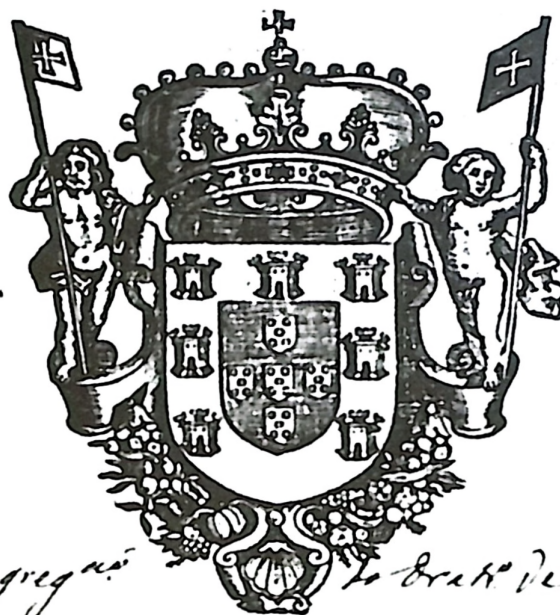
EMERITUM

MONARQUIA LUSITANA

PARTE SETIMA

CONTEMA VIDA DE ELREY DOM AFFONSO
o Quarto por excellencia o Bravo.

COMPOSTA PELLO CRONISTA MOR
FREY RAPHAEL DE IESVS.
NATURAL DA REAL VILLA DE GUIMARAENS.



Do Congregação de Brades de Braga

RELIGIOZO, E PREGADOR GERAL DA ORDEM DO PRINCEPE
dos Patriarchas,

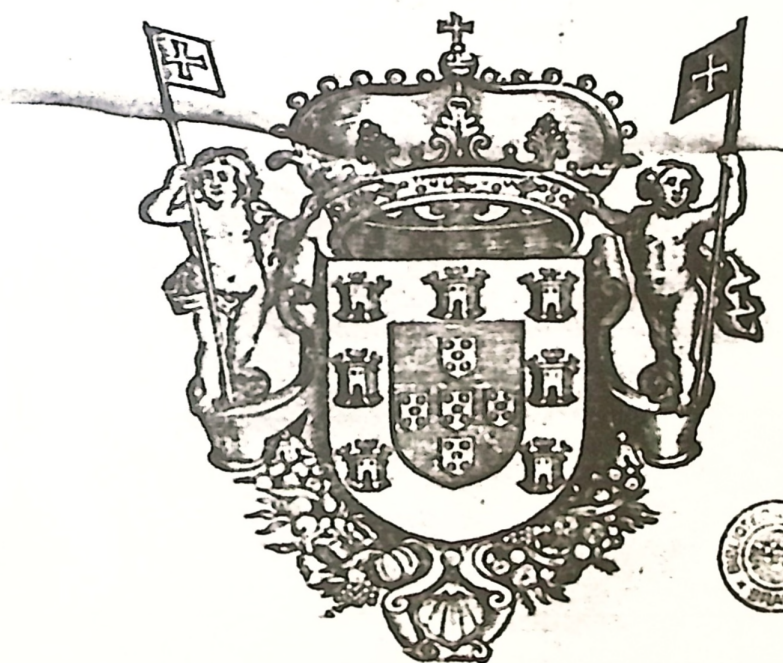
SAMBENTO
NESTE REYNO DE PORTVGAL.

LISBOA.

Na Impressão de Antonio Craesbeck de Mello, Impressor de El Rey Nosso
Senhor. Anno de M.D.C.L.XXX.III.

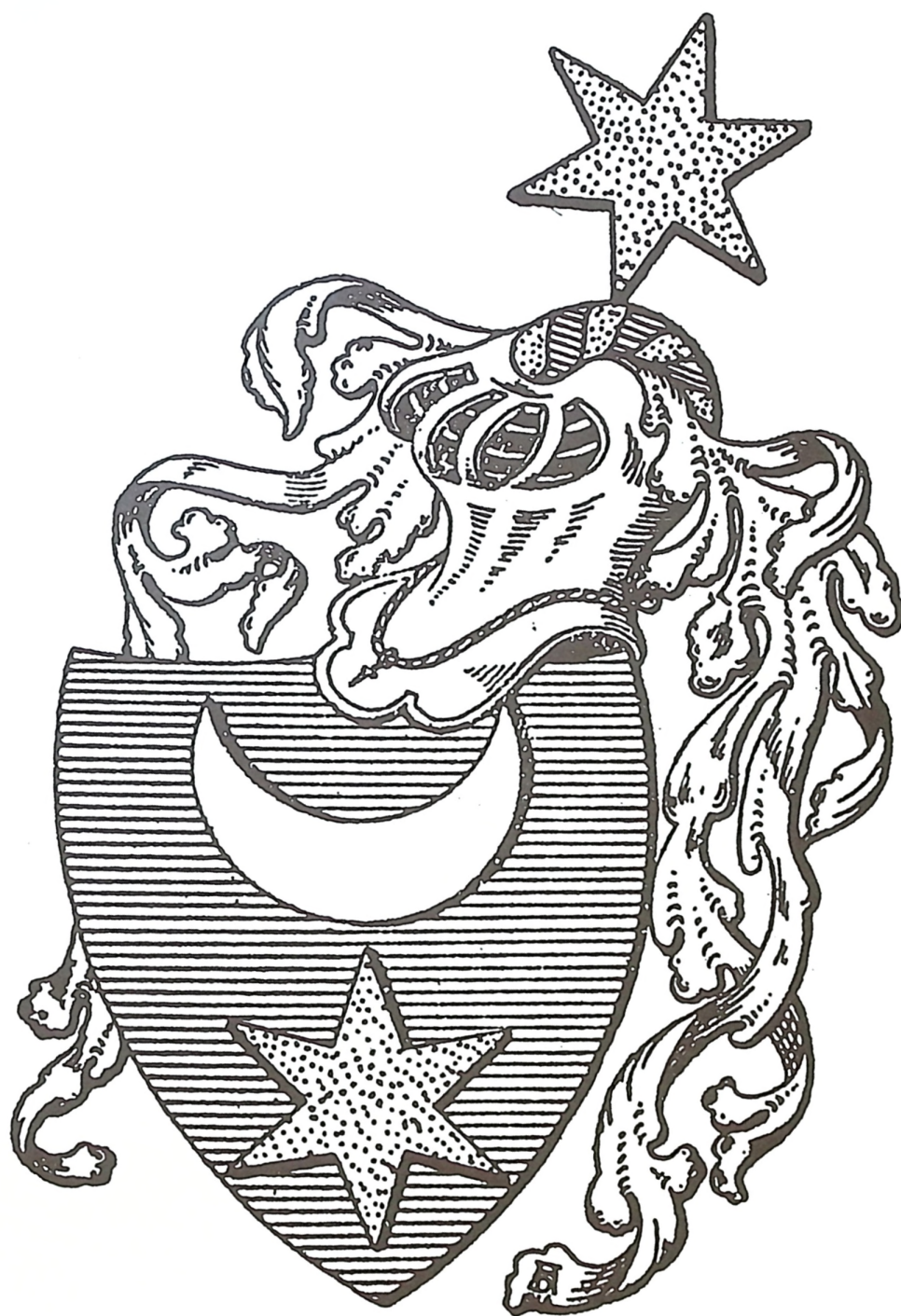
CHRONICA
DE ELREY
DOM AFONSO
O QVARTO DO NOME.
E SETTIMO DOS REYS
DE PORTVGAL.

ASSI COMO A DEIXOV ESCRITA
*Ruy de Pina Guardamor da Torre do Tombo, &
Chronista mór do mesmo Reyno.*



Tirada a luz por industria de Paulo Craesbeeck,
E na sua officina impressa, & à sua custa.
EM LISBOA. Com todas as licenças. Anno 1653.





BIBLIOGRAFIA

Ao elaborar esta breve resenha, não pretendemos dar uma bibliografia exaustiva, visto nem sequer citarmos Barbosa Machado, Inocêncio, Pinto de Matos e outros bibliófilos sobejamente conhecidos. Na verdade, limitamo-nos a indicar alguns autores que trataram directamente dos membros da família dos Craesbeeck e, também, da sua actividade tipográfica.

- CRAESBEECK, Dr. Francisco Xavier da Serra, *Descendencia do Nobre e Valoroso João Roiz de Beya que servio na India (...)*, B. N. Res. Cod. 1060 (1712) e Cod. 1064 (1720).
- SANTOS, António Ribeiro dos, *Memoria para a Historia da Typographia Portugueza no seculo XVI* in «Memorias da Litteratura Portugueza», Lisboa, Academia Real das Sciencias, t. VIII, parte 1, 1812, pp. 77-147.
- CARVALHO, Joaquim Martins de, *A Imprensa em Coimbra. 1531-1868* in «Apontamentos para a Historia Contemporanea», Coimbra, Imp. da Univ., 1868.
- DESLANDES, Venâncio, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos Seculos XVI e XVII*, Lisboa, Imp. Nac., 1888.
- CUNHA, Xavier da, *Impressões Deslandesianas. Divagações Bibliographicas*, Lisboa, Imp. Nac., 1896-1898, 2 vols.
- DORNELLAS, Afonso de, *D. Antonio Caetano de Sousa. A Sua Vida, a Sua Obra e a Familia*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1918.
- ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1920.
- D. MANUEL II, *Livros Antigos Portuguezes (1489-1600) da Biblyotheca de Sua Magestade Fidelissima*, Londres, 1929-1935, 3 vols.
- CIDADE, Hernâni, *A Literatura Autonomista sob os Filipes*, Lisboa, Liv. Sá da Costa, s.d. (aliás 1950); *Literatura sob os Filipes em Defesa da Autonomia Política* in «Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira», Porto, Livraria Figueirinhas, s.d.
- d'ALCOCHETE, Nuno Daupias, *Breves Notas sobre os Craesbeecks da Quinta do Maravedi e Outros* in «O Tripeiro», 5.ª série, ano XI, 1955, p. 143-146; *A Carta de Armas do Dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeeck* in «Douro Litoral», 7.ª série, III-IV, Porto, 1956, pp. 223-255; *Achegas para Uma Bibliografia dos Impressores Craesbeeck (século XVII)* in «Boletim de Bibliografia Internacional Luso-Brasileira da Fundação Calouste Gulbenkian», Lisboa, T. 3, 1962, pp. 256-266; *L'Officina Craesbeeckiana de Lisbonne* in «Arquivos do Centro Cultural Português», Fundação Calouste Gulbenkian, vol. IX, Paris, 1975, pp. 601-637.
- BRÁSIO, António, *Livreiro Paulo Craesbeeck* in «Novidades. Artes e Letras» de 28.12.1958.
- PEIXOTO, Jorge, *Relações de Plantin com Portugal*, Coimbra, 1962. Separata da «Revista Portuguesa de História», t. X.
- ALMEIDA, Manuel Lopes de, *Livros, Livreiros, Impressores em Documentos da Universidade* in «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», Coimbra, 1967, n.º 37-38, pp. 115-117.
- MONTE, Gil do, *Subsídios para a História da Tipografia de Évora nos Séculos XVI a XVIII*, Évora, 1968.
- LEMOIS, Maria Luísa, *A Literatura Autonomista no Século XVII* in «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», vol. XL, Coimbra, 1985, pp. 3-359, vol. XLI, Coimbra, 1992, pp. 105-189.